

DR. JOSÉ JOAQUIM NUNES

---

**COMPÊNDIO  
DE GRAMÁTICA  
HISTÓRICA  
PORTUGUESA**

FONÉTICA E MORFOLOGIA



8ª EDIÇÃO



CLÁSSICA  
EDITORA

## Prólogo da 1.<sup>a</sup> edição

*Quando em 1906 publiquei, em introdução à minha CRESTOMATIA ARCAICA, um breve resumo de gramática histórica da nossa língua, era minha intenção ampliá-lo e desenvolvê-lo no mais curto espaço de tempo. Outras ocupações e especialmente a absorção do ensino oficial fizeram que só agora pudesse levar a cabo o meu plano, ainda assim incompleto, pois que lhe falta a Sintaxe; verdade seja que, sabendo que o há pouco falecido professor Epifânio Dias preparava um estudo especial dessa parte da gramática, desistira de ocupar-me dela, visto estar entregue a quem melhor do que eu podia desempenhar-se de tal tarefa. Publicado, porém, esse trabalho, reconheci que nele, apesar de excelente, o seu autor seguira processo diferente do meu e por isso voltei à primeira ideia. Mas entre o aparecimento daquele e a publicação deste foi-me impossível tratar desse assunto com a minúcia e extensão que ele requer; ficará, portanto, para mais tarde, se a vida me não faltar.*

*No presente estudo, em harmonia com a ordem adoptada, trato em primeiro lugar dos sons e sua evolução através dos tempos, e, porque o nosso vocabulário, logo no começo da sua constituição, alguma coisa foi buscar ao germânico e árabe, dou, em apêndice, uma explicação resumida das transformações sofridas, igualmente pelos nomes dessa proveniência, explicação que, me parece, é agora tentada pela primeira vez com algum desenvolvimento em obras da natureza desta, as quais só se referem em geral aos de origem latina; a seguir, trato dos mesmos sons, quando reunidos para*

*exprimirem ideias, isto é, das palavras, sua variedade e formação. Naturalmente, quer numa, quer noutra parte, não raro me foi necessário, para exemplificar as sucessivas transformações dos fonemas e vocábulos, recorrer a formas arcaicas, das quais umas evolucionaram, outras desapareceram; tais formas foram por mim colhidas na leitura de bastantes textos antigos, e das suas respectivas fontes dou muitas vezes indicação, não o fazendo sempre, pelo receio de alardear erudição e sobretudo aumentar o volume.*

*Com este meu modesto trabalho, no qual procurei condensar o que de melhor se acha escrito em autores nacionais e estrangeiros, tive a mira em poupar aos estudantes das nossas Faculdades de Letras e a todos quantos se empenham em conhecer a história do nosso idioma investigações e diligências que lhes absorveriam muito tempo e por vezes mesmo, dada a deficiência das nossas bibliotecas, sobretudo as provinciais, se lhes tornariam impossíveis de realizar; se o consegui ou não, di-lo-á a crítica justa e imparcial, em cujas mãos o deponho, de antemão grato a todas as observações sensatas que houver por bem fazer-me.*

*Dou em seguida a resenha das principais obras teóricas de que me socorri neste estudo e explicação, para os menos versados, dos sinais usados em trabalhos de igual natureza.*

J. J. NUNES.

# Índice das matérias

	Pág.
Dedicatória . . . . .	V
Prólogo da 1. <sup>a</sup> edição . . . . .	VII
Prólogo da 2. <sup>a</sup> edição . . . . .	IX
Prólogo da 3. <sup>a</sup> edição . . . . .	X
Lista das principais obras consultadas. Explicação dos sinais empregados .	XI
Índice das matérias . . . . .	XIII

## Introdução.

*Origem e evolução do português; elementos de que se compõe.*

O latim entre as línguas indo-europeias . . . . .	3
Latim vulgar e literário . . . . .	4
Baixo latim e latim bárbaro . . . . .	10
O português entre as línguas românicas. . . . .	11
Outros elementos componentes do português . . . . .	17

## Fonética ou estudo dos sons.

Divisão da Fonética . . . . .	21
-------------------------------	----

### SECÇÃO I. — *Fonética fisiológica.*

Produção dos sons; sua divisão . . . . .	22
Vogais . . . . .	23
Ditongos. . . . .	26
Consoantes . . . . .	27
Sílaba e acento . . . . .	30

### SECÇÃO II. — *Fonética histórica.*

## CAPÍTULO I.

Acentos, vogais e ditongos no latim. Importância do tónico . . . . .	32
O acento tónico; sua persistência em português . . . . .	32
Acento secundário . . . . .	38
Vogais latinas . . . . .	38
Influência do acento tónico . . . . .	41
Persistência das tónicas . . . . .	42

## CAPÍTULO II.

*Vogais tônicas:*

Á . . . . .	42
Ê . . . . .	45
Ê . . . . .	46
I . . . . .	50
Ô . . . . .	51
Ô . . . . .	52
U . . . . .	55

## CAPÍTULO III.

*Vogais átonas:*

<i>Iniciais</i> . . . . .	56
<i>Mediais:</i> a) pretónicas . . . . .	66
b) postónicas . . . . .	68
c) finais . . . . .	69
Hiato . . . . .	74
Ditongos . . . . .	76

## CAPÍTULO IV.

*Consoantes:*

<i>Iniciais:</i> 1.º simples . . . . .	88
2.º agrupadas . . . . .	94
<i>Internas:</i> 1.º simples . . . . .	99
2.º agrupadas: duplas . . . . .	115
grupos de três consoantes . . . . .	140
seguidas das semivogais . . . . .	142
consoantes finais . . . . .	148

## CAPÍTULO V.

Alterações a que estão sujeitas as vogais e consoantes . . . . .	150
--	-----

## CAPÍTULO VI.

Fonética sintáctica . . . . .	163
<i>Apêndice:</i> I — Fonética histórica dos nomes provenientes do germânico e árabe: Vocalismo . . . . .	167
Consonantismo . . . . .	173
Consoantes agrupadas . . . . .	182
II — História da pronúncia das vogais e consoantes . . . . .	188
III — História da Ortografia . . . . .	192

**Morfologia ou estudo das formas.**

Partes do discurso . . . . .	201
------------------------------	-----

## CAPÍTULO I.

SECÇÃO I. — *Nome.*

Suas várias espécies . . . . .	203
Nomes próprios . . . . .	204
Nomes comuns . . . . .	207
Numerais . . . . .	209

SECCÃO II. — *A flexão no nome.*

Casos . . . . .	216
Restos de casos . . . . .	219
Números . . . . .	219
Géneros . . . . .	221
a) substantivos . . . . .	221
Alteração nos géneros . . . . .	222
b) adjectivos . . . . .	224
Formação do plural . . . . .	226
<i>Singularia et pluralia tantum</i> . . . . .	232
Nomes compostos . . . . .	232
Gradação do adjectivo . . . . .	234

## CAPÍTULO II.

*Pronome.*

Sua aproximação do tipo original maior que nos nomes . . . . .	236
Pronomes pessoais . . . . .	236
Pronomes reflexos . . . . .	241
Pronomes possessivos . . . . .	242
Pronomes demonstrativos . . . . .	245
Demonstrativos simples . . . . .	246
Demonstrativos compostos . . . . .	247
Artigos: a) definido . . . . .	251
b) indefinido . . . . .	253
Vestígios das antigas formas do artigo definido . . . . .	253
Fusão do artigo com o nome ou seu desaparecimento . . . . .	257
Pronomes relativos e interrogativos . . . . .	258
Pronomes indefinidos . . . . .	260
Nomes usados com o valor de indefinidos . . . . .	266
Partitivo . . . . .	268

## CAPÍTULO III.

*Verbo.*

A conjugação latina e a portuguesa . . . . .	270
Alterações fonéticas do verbo . . . . .	272
Acentuação . . . . .	273
Vogais e consoantes na flexão verbal . . . . .	275
Conjugações . . . . .	276
Desinências e sufixos . . . . .	279
a) desinências pessoais . . . . .	279
b) sufixos temporais ou modais . . . . .	282
Queda do -e final . . . . .	283

SECCÃO 1. — *Presente.*

Formação dos respectivos tempos . . . . .	284
Influência da semivogal sobre:	
a) as vogais -e- e -o- do radical . . . . .	285
b) sobre as consoantes c ou t, d, l e n . . . . .	290
Manutenção excepcional da semivogal . . . . .	292

Razões das aparentes irregularidades verbais:	
a) verbos cujo radical termina por gutural. . . . .	293
b) verbos em <i>-ear</i> e <i>-iar</i> . . . . .	294
Presentes anómalos: <i>ser, poder, haver, saber, dar, estar, ir</i> . . . . .	296
Paradigmas dos verbos regulares. . . . .	299
Infinitivo e formas nominais do mesmo. . . . .	302

#### SECÇÃO II. — *Pretérito.*

Formação fraca e forte . . . . .	304
Pretéritos fracos . . . . .	306
Conservação de alguns pretéritos fortes . . . . .	309
Alterações fonéticas operadas nestes pretéritos . . . . .	310
Restos das primitivas formações fortes do pretérito . . . . .	312

#### SECÇÃO III. — *Particípio.*

Formação fraca e forte. . . . .	316
Persistência dos particípios fortes . . . . .	317

SECÇÃO IV. — <i>Futuro e condicional</i> . . . . .	319
--	-----

Aditamento ao verbo: Conjugação antiga e moderna dos seguintes verbos: <i>Alumiar, amparar, dar, estar, louvar, nomear, perdoar, pesar, arder, benzer, caber, arc. impes. caer, chover, comer, conhecer, crer, dizer, doer, erguer, fazer feder, haver, jazer, ler, arc. maer, morrer, perder, poder, pôr, prazer, prender, querer, receber, saber, ser, soer, ter, tolher, trazer, valer, ver; aduzir, cair, corrigir, cumprir, dormir, falir, ferir, fugir, arcs. gouvir e guarir, ir, mentir, arcs. nozir e oferir, ouvir, parir, pedir, possuir, rir, sair, seguir, vir.</i> . . . . .	321 a	341
--	-------	-----

### CAPÍTULO IV.

<i>Palavras invariáveis</i> . . . . .	342
Advérbios . . . . .	342
Locuções adverbiais. . . . .	347
Nome adverbialdo . . . . .	348
S paragógico. . . . .	350
Preposições . . . . .	351
Conjunções . . . . .	352
Interjeições . . . . .	355

### CAPÍTULO V.

#### *Formação de palavras.*

A) popular . . . . .	356
Derivação . . . . .	358
Composição . . . . .	388
B) literária . . . . .	398
Importação de outras línguas. . . . .	404
Índice sinóptico das matérias tratadas neste volume . . . . .	410
Índice etimológico . . . . .	416
Correcções . . . . .	455

# Introdução

## Origem e evolução do português; elementos de que se compõe

1. *O latim entre as línguas indo-europeias.* — É hoje ponto definitivamente assente e incontroverso que a língua portuguesa não passa de transformação, lenta e progressiva, realizada através dos séculos, de uma, a latina, que tomara o seu nome da região onde se desenvolvera, o Lácio, a qual por sua vez era também transformação de outra, falada por um povo sem história e cujo assento ou habitação a ciência ainda não conseguiu determinar. Deste povo, conhecido pelo nome de *ária* ou *ariano* (1), saíram diferentes tribos, as quais, disseminando-se pela Europa e parte da Ásia, levaram consigo, a par das crenças e civilização da mãe comum, a língua que tinham aprendido no berço. Foi esta, a que se convencionou dar o nome de *indo-europeu* e cujo aparecimento se perde na noite dos tempos, que, continuando talvez as modificações já operadas no primitivo território, deu origem às várias línguas donde provêm quase todas as actualmente em uso na Europa e muitas na Ásia (2).

---

(1) Em rigor esta denominação só pertence aos povos que falaram o *do-irânico*.

(2) O indo-europeu fraccionou-se nos seguintes dialectos: *germânico*, *itálico* (*latim e osco-úmbrico*), *báltico*, *eslavo*, *celta*, *albanês*, *grego*, *indo-irânico* e *arménio*, afora o *tocariano*, recentemente descoberto na Ásia central. Dos sete primeiros, tornados línguas independentes, provêm todas as línguas

Entre aquelas, uma sobressai pela sua sorte e destino verdadeiramente notáveis — a latina. Falada a princípio por um povo diminuto e de costumes bárbaros, teve ela o raro condão de, transpondo o pequeno território onde era usada, suplantar as línguas não só da Itália, mas também de grande parte do Sul e Centro da Europa e ainda do Norte da África, seguindo sempre de vitória em vitória, como o povo que a falava, até se tornar a única dominante numa extensão enorme de terreno.

A sorte próspera que a acompanhou em vida do povo romano, não se extinguiu com o desaparecimento do domínio deste, mas, ao contrário, seguindo-a sempre, fez que ela, transpondo os mares, fosse implantar-se ainda nas restantes partes do mundo, sendo hoje a que abrange mais vasto território.

2. *Latim vulgar e literário.* — Nesta língua, de destino tão brilhante, temos de distinguir duas feições principais: a *popular* ou falada e a *literária* ou escrita. Aquela era usada pela plebe, isto é, pelas pessoas incultas e analfabetas, esta a que nós conhecemos pelos esplêndidos monumentos que constituem a literatura latina. Ainda entre uma e outra deve enumerar-se a que as pessoas instruídas empregavam em família, da conversação entre parentes, amigos e conhecidos, como sucede ainda hoje, que se distingue a fala das pessoas inteiramente desprovidas de cultura das que o não são, as quais usam de vocabulário mais extenso e escolhido e de frase mais limada e correcta, ainda que não tanto cuidada e polida como quando escrevem, especialmente com intenção literária.

A existência das diferentes feições que o latim tomava, quando falado pela gente rude ou pelas pessoas ilustradas entre si, é-nos

---

actualmente faladas na Europa, com excepção do turco, do grupo uralo-finês e do basco. Para mais alguns esclarecimentos veja-se o livrinho da vulgarização *Indo-germanische Sprachwissenschaft* de Meringer (colecção Göschen), para maior desenvolvimento da matéria consulte A. Meillet, *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes*; aí se encontrará uma extensa bibliografia do que há de melhor publicado acerca do assunto.

atestada pelos escritores, que dão à primeira o nome de *sermo vulgaris* e à segunda o de *consuetudo* ou *sermo quotidianus*; infelizmente, nenhum meio nos transmitiu a tradição, quer oral, quer escrita, por onde hoje possamos surpreender a maneira como se diferenciavam na pronúncia aquelas duas classes de pessoas; apenas pelos escritos sem pretensões literárias, como são os diplomas ou inscrições, e pelas correções encontradas nas obras dos gramáticos somos informados de que tal palavra tomava na boca do povo forma diferente da usada pela língua literária. É claro que nos primitivos tempos, quando a sociedade romana era constituída apenas por indivíduos sem cultura intelectual, aquelas divergências não existiam, todos empregavam a mesma fala — é a fase arcaica. Decorreram, porém, os anos e Roma foi estendendo o seu domínio, conquistando povos, tomando cidades e pondo-se ao mesmo tempo em contacto com civilizações mais adiantadas, as quais foram a pouco e pouco modificando o seu carácter rude e grosseiro. A mesma transformação realizou-se na língua, que foi gradualmente perdendo a antiga rusticidade e adquirindo maneiras cada vez mais corteses, e de dura e áspera tornou-se suave e harmoniosa, mercê das diligências empregadas neste sentido por Lívio Andronico, Pacúvio, Névio e principalmente Ênio, a quem cabe justamente o título de criador da língua literária. Os esforços destes poetas, combinados com os dos que se lhes seguiram, fizeram que, pelos meados do século I, antes de Cristo, fosse um diamante facetado, polido e brilhante o que tinha sido um seixo bruto, cheio de arestas e escabrosidades. Aquela língua revolta e movimentada, como a plebe que a falava, sem dique que obstasse às suas quase diárias transformações (1), viu-se de repente detida na sua evolução: à antiga mobilidade sucedeu tal ou qual fixidez; o que até aí fora instável tornou-se definitivo; o vocabulário enriqueceu-se; a expressão seguiu regras certas; numa palavra, a fala, rústica e imprópria para traduzir o que passasse da esfera animal, a antiga grosseria, adquiriu dentro em pouco sonoridade, elegância e nobreza tais, que para ela o

---

(1) Tais e tantas tinham sido as alterações por que havia passado a língua latina, que já Cícero e Horácio confessavam depois não entenderem aquela em que tinham sido escritos os antigos documentos.

reproduzir concepções sublimes, as mais elevadas imagens poéticas, era fácil tarefa.

É claro que a Grécia, que, no dizer de Horácio, de avassalada se tornou avassaladora <sup>(1)</sup>, contribuiu mais que nenhuma outra das nações com que os Romanos se tinham posto em contacto para esta tamanha revolução; a leitura dos seus poetas inspirou naturalmente o desejo da imitação e o conhecimento, cada vez mais difundido, do grego, foi um auxiliar valioso para o aperfeiçoamento da língua; de tal maneira aquele influiu nesta, que por fim o seu léxico, a sua versificação e sintaxe eram em grande parte gregos.

Mas, enquanto assim se aperfeiçoava a antiga língua, que, comparada com a moderna, poderia parecer diferente desta, o povo continuava a usar a fala arcaica, alterando-a de contínuo, embora não tão radicalmente agora como dantes, em vista do seu contacto com o *sermo quotidianus*, que, sendo empregado pelas mesmas pessoas que se serviam da língua literária, lhe impunha tal ou qual barreira. Extinto, porém, o *sermo quotidianus*, a quando da irrupção dos bárbaros, com o desaparecimento da classe que o falava e com ela da cultura intelectual, aquela barreira desapareceu e as tendências modificadoras, até aí mais ou menos represadas por aquele no *sermo vulgaris*, agora completamente livres e desembaraçadas, ostentaram-se em toda a sua pujança, e, como os que falavam a nova língua eram quase todos os que faziam parte do vasto império, foi ela que por fim triunfou.

Era natural que as modificações que, desde longa data, se vinham operando no latim vulgar, tivessem por objecto especialmente a fonética, porquanto são os sons que na língua mais sujeitos estão a ser alterados. Muitas dessas modificações tinham-se dado já, quando os primeiros poetas trataram de criar a língua literária. Assim haviam permutado com outras e até desaparecido muitas vogais que já de sua natureza soavam fracamente, isto é, em cuja

---

(1) *Graecia capta cepit ferum victorem*, Epist. II, 1, 156.